“MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A REFLEXÃO NO CAMPO DA SAÚDE”

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil:contribuições para a reflexão no campo da saúde.In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1): 59-70, 2005.

 José Paes de Santana[[1]](#footnote-1)

O artigo referenciado aborda a violência, levantando dados estatísticos e doutrinários sobre a morbi-mortalidade para homens e mulheres internados em hospitais das capitais brasileiras entre os anos de 1991 a 2000, e aponta os homens, na adolescência e na juventude, como as principais vítimas da violência, em proporções que chegam de 5 a 12 vezes mais que as mulheres envolvidas, para homicídio e acidente automobilístico, entre outras causas externas pesquisadas, acentuando uma maior incidência na vulnerabilidade do homem, quando a variável em questão for o homicídio.

 Para a autora o gênero masculino configurado pelas práticas machistas, faz do homem a maior vítima da violência, pelo menos nas causas externas pesquisadas e para o espaço amostral que se considerou, ao mesmo tempo em que se depreende da leitura do artigo em tela, que tais práticas machistas se delineiam pela tradicional associação da identidade masculina à virilidade, à força e ao poder que lhe são inerentes.

Além da constituição biológica do *ser homem* como variável interveniente, a autora leva em consideração “a construção social do gênero masculino a partir das características psíquicas, sócio-históricas e políticas que o constituem” (p. 60), no cômputo das relações intersubjetivas a que o homem se submete no seu dia-a-dia.

Citando Cecchetto (2004) leva-se em consideração que no desenvolver dessas relações interpessoais, a imagem masculina foi sendo associada de forma inequívoca à supressão do choro, do medo, e da intimidação ante ao perigo, tendo com corolário sua demonstração de coragem sempre peculiar a esse ser ativo, enquanto modelo hegemônico de masculinidade, mas com o passar do tempo, observou-se a existência de uma quebra desse paradigma que se chamou “crise da masculinidade” (p. 60), resultando em um novo perfil de homem mais emotivo e mais próximo da imagem feminina, além de mais infantil, todavia, o paradigma inicialmente construído ainda é preponderante na sociedade.

A autora ainda ressaltou no seu artigo com base no suporte bibliográfico utilizado por ela, que não se há de partir do pressuposto de que o homem é espontânea e instintivamente inclinado para a prática da violência, mas que tudo isso surge quando se alia na própria sociedade o perfil do *ser homem* à práticas tais como a competição e os esportes radicais, entre outras, que terminam por repercutir de forma negativa na vida e na saúde do homem, além da tensão e ansiedade que o enfrentamento de riscos e perigos lhe causam.

 Souza (2005) apontou argumentos sobre a violência não somente na relação com as questões estruturantes das identidades de gênero, mas considerando-lhe também como uma patologia social que pode decorrer de aspectos estruturais da sociedade, dos quais decorrem “desigualdade e opressão” (p. 62), como raça e classe social, contextos nos quais, o gênero masculino oscila entre autor e vítima.

O artigo também leva em conta estudos realizados por Morelba (2000) em que se cria um estereótipo para o homem da América Latina a partir de estudos feitos no Peru, Chile e Venezuela, com a afirmação de que nesse contexto se privilegiam a sexualidade, a reprodução e o poder, na constituição do gênero masculino.

Foi utilizada no artigo a metodologia descritiva através do método da análise de protocolo, onde foram examinados dados de mortalidade provenientes “do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/Datasus/MS) e os de morbidade, do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/Datasus/MS)” (p. 62).

Dos dados analisados, observou-se que a mortalidade masculina ocorre com maior incidência dos 20 aos 24 anos e sofre diminuição mais acentuada a partir dos 60 anos, quando ainda assim continua com frequência maior que aquela que se observa no gênero feminino a essa idade.

Macapá, João Pessoa, Recife, Vitória, São Paulo e Cuiabá, nessa ordem apresentaram as frequências mais consideráveis de violência do gênero masculino, polarizando as menores frequências, também nessa ordem, Palmas, São Luís, Natal, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, quando ainda se observou que as taxas para o gênero masculino superaram em média quatro vezes as incidentes para o gênero feminino.

Chama-se atenção no artigo para as áreas do conhecimento humano como a epidemiologia, a sociologia e a psicologia, entre outras ciências, que têm dado sua contribuição na compreensão do fenômeno em comento, ao mesmo tempo em que a autora reafirma que as causas externas mais importantes para o estudo em tela, na mortalidade masculina, foram o homicídio e os acidentes de transporte, acrescentando-se a essa informação, a de que, no Brasil os homicídios são causados principalmente por armas de fogo.

Outro dado relevante comentado pela autora do artigo foi o de que os homens se apresentam como vítimas, no mais das vezes, nos espaços públicos, enquanto as mulheres no interior de suas residências; os homens são vítimas de desconhecidos, enquanto as mulheres de conhecidos, como companheiros ou ex-companheiros.

Ainda se observou que a exclusão social conduz os jovens a atividades criminosas como forma de sobrevivência, e que os índices de escolaridade também são diretamente proporcional às maiores incidências observadas, acompanhando-se essa proporcionalidade entre os jovens oriundos dos lares chefiados por mulheres com baixa renda, de cor negra ou parda, e habitantes de conglomerados periféricos.

Acentuou-se ainda que o crime organizado, o tráfico de drogas e o contrabando de armas, ao mesmo tempo em que aumentam a insegurança da população civil, as tornam mais violentas e repercutem de forma diretamente proporcional nos índices observados pela análise de protocolo feita.

O que se deduz do exposto é que o diapasão entre masculinidade e violência não é privilégio do Brasil e suas capitais, mas um fenômeno que tem causas em fatores estruturantes, tanto da personalidade desse gênero, quanto da própria sociedade, transcendendo diferentes culturas.

1. Mestre em Educação. Graduado em Ciências, Matemática, Bacharel em Direito e atualmente é Diretor do Centro de Ensino Fundamental 02 do Guará - Secretaria de Estado de Educação do DF - Brasil. Trabalha com Educação, com ênfase em Educação Matemática, Mediação de Conflitos, e Direito. jose.santana@professor.unidesc.edu.br [↑](#footnote-ref-1)